Acta Scientiarum

http://periodicos.uem.br/ojs
ISSN on-line: 1983-4683
Doi: 10.4025/actascilangcult.v47i1.71693
CC BY

Estudo diacrônico de orações concessivo-condicionais universais prefaciadas por *quienquier(a) que* no espanhol peninsular

Camila Rodrigues de Amorim*, Sanderleia Roberta Longhin e Talita Storti Garcia

Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: rodrigues.amorim@unesp.br

RESUMO. Este trabalho apresenta uma análise diacrônica de construções 'concessivo-condicionais universais' prefaciadas por *quienquier(a) que* em dados do espanhol peninsular, com o propósito de descrever aspectos de mudança linguística. Para tanto, partimos dos pressupostos teóricos de Sweetser (1990), para quem a mudança nos significados pode ser explicada por meio de conexões metafóricas que seguem uma trajetória unidirecional em direção à expressão de significados cada vez mais abstratos, subjetivos, interpessoais. Juntamente com a evolução dos significados, investigamos as alterações de natureza morfossintática que podem ter afetado essas estruturas. O *corpus* utilizado, extraído do banco de dados CORDE (*Corpus Diacrónico del Español*), reúne ocorrências de construções concessivo-condicionais nas fases antiga, média e moderna do espanhol. Como critérios de análise, elegemos o domínio pragmático de atuação (conteúdo, epistêmico e ato de fala), a factualidade, a codificação modo-temporal e a ordenação da estrutura concessivo-condicional. Como resultado, atestamos que essas estruturas se especializaram cedo na expressão de significados mais abstratos, o que foi acompanhado por alterações nos padrões referentes à factualidade e pela crescente preferência pela anteposição.

Palavras-chave: mudança linguística; concessivo-condicionais; *quienquier(a) que*; Espanhol Peninsular.

Diachronic study of universal concessive-conditional clauses prefaced by quienquier(a) que in Peninsular Spanish

ABSTRACT. This work presents a diachronic analysis of *universal concessive-conditional* constructions prefaced by *quienquier(a) que* in peninsular Spanish data, with the purpose of describing aspects of linguistic change. To do so, we start from the theoretical assumptions of Sweetser (1990), for whom the change in meanings can be explained through metaphorical connections that follow a unidirectional trajectory towards the expression of increasingly abstract, subjective, interpersonal meanings. Along with the evolution of meanings, we investigated the morphosyntactic changes that may have affected these structures. The corpus used, extracted from the CORDE database (*Corpus Diacrónico del Español*), brings together occurrences of concessive-conditional constructions in the ancient, middle and modern phases of Spanish. As analysis criteria, we chose the pragmatic domain of action (content, epistemic and speech act), factuality, mode-temporal coding and the ordering of the concessive-conditional structure. As a result, we attest that these structures specialized early in the expression of more abstract meanings, which was accompanied by changes in standards regarding factuality and the growing preference for anteposition.

Keywords: linguistic change; concessive-conditionals; *quienquier(a) que*; Peninsular Spanish.

Received on March 20, 2024.
Accepted on July 18, 2024.

Introdução

As 'orações concessivo-condicionais' representam uma categoria gramatical híbrida, situada entre a condicionalidade e a concessividade. A existência dessa categoria híbrida se vê apoiada pela manifestação de suas distintas classes nas diversas línguas, como demonstram os estudos tipológicos de König e Auwera (1988) e Haspelmath e König (1998).

Segundo os autores, há três grupos distintos de construções concessivo-condicionais: (i) 'concessivo-condicionais alternativas', que se constroem por meio de uma estrutura disjuntiva; (ii) 'concessivo-condicionais escalares', que são introduzidas por uma partícula escalar; e (iii) 'concessivo-condicionais

universais', que são prefaciadas por um quantificador universal. Com dados de Rodríguez Rosique (2008), exemplificamos de (1a) a (1c) os três usos concessivo-condicionais no espanhol moderno.

(1) a. *Venga o no*, iremos a la playa (Rodríguez Rosique, 2008, p. 221).
[*Venha ou não,* iremos à praia.]
b. *Incluso si viene*, iremos a la playa (Rodríguez Rosique, 2008, p. 221).
[*Mesmo se ele vier*, iremos à praia.]
c. *Quienquiera que venga*, iremos a la playa (Rodríguez Rosique, 2008, p. 221).
[*Quem quer que venha*, iremos à praia.]

Conforme a autora, os três tipos de concessivo-condicionais compartilham as seguintes características: uma prótase não assertiva, em que o locutor não se compromete nem com a verdade, nem com a falsidade da proposição (como nas condicionais); uma apódose assertiva (como nas concessivas); uma prótase complexa que mobiliza mais de uma condição em que o conteúdo da apódose se cumpriria; e um significado contrastivo (como nas concessivas).

Nas orações concessivo-condicionais universais, sobre as quais recai o escopo desta investigação, a prótase alude a um conjunto de condições por meio de um pronome indefinido generalizador, que atua como um quantificador universal, ou seja, como um operador lógico do tipo (∀*x*) (se p_x então *q*). No espanhol contemporâneo, o paradigma dos pronomes indefinidos generalizadores constitui-se dos itens *quienquiera, cualquier(a), cuandoquiera, cuanto quiera* e *comoquiera.* Os três mais usados, de acordo com Flamenco García (1999), são *quienquiera, cualquier(a)* e *dondequiera*, de modo que os demais são considerados variantes do registro formal ou formas em desuso.

Esses elementos se formaram a partir da combinação de um pronome de natureza relativa sem referência específica (*quien, como, donde*...) com a partícula volitiva *quier(a)*[1]. O significado inicial de livre escolha que a partícula volitiva expressa serve de base para o desenvolvimento do significado de totalidade (ou universalidade) que se identifica nas orações concessivo-condicionais. Na estrutura concessivo-condicional universal em (1c), a prótase refere-se a uma totalidade de condições possíveis para a apódose: 'se uma pessoa agradável vier', 'se uma pessoa chata vier', 'se ninguém vier', etc., entre as quais pelo menos uma contraria, ou, no mínimo, é desfavorável a uma implicação causal pressuposta. Nesse caso, pode-se supor que a probabilidade de 'vir uma pessoa desagradável' poderia ser um obstáculo para 'ir à praia', mas não impede a realização do estado de coisas principal.

Ao observarmos dados reais de uso de concessivo-condicionais no espanhol peninsular moderno, verificamos que tais construções podem atuar em contextos mais concretos, como (2), ligados à experiência sociofísica, e em contextos em que a concessivo-condicional é mais abstrata, pois se volta à própria interlocução, conforme se observa em (3):

(2) - ¿Por qué no vais vosotros dos solos (a viajar)?
- ¿Nosotros? Joder... no sé...
- Yo voy a ir, *quien quiera que se venga*... (FMo:Nr:CORPES).
[- Por que vocês não vão os dois sozinhos (viajar)?
- Nós? Caramba... não sei...
- Eu vou, 'quem quer que venha'...]

(3) - Quien quiera que seáis - dijo por fin animándose Hernando y descubriendo su rostro-, ser de este mundo o del otro, mora o cristiana, hablad: ¿qué nos queréis? (FMo:Nr:CORDE).
[- "Quem quer que vocês sejam", disse finalmente Hernando, animando-se e descobrindo o rosto, "seja deste mundo ou do outro, mouro ou cristão, digam: o que vocês querem de nós?"]

Em (2), a oração concessivo-condicional iniciada por *quien quiera que* se relaciona a um conjunto de hipóteses ('se X vier'; 'se Y vier'; 'se Z vier'; etc.) que poderia, mas não interfere no estado de coisas principal ('eu vou viajar'). Já em (3), parece haver uma relação entre o ato de fala (de pergunta) e as circunstâncias que poderiam ser desfavoráveis à colocação dessa pergunta (identidade, origem, crença do interlocutor), mas que acabam por não ter efeito/relevância.

[1] Segundo Pérez Saldanya e Salvador (2009), na fase antiga do espanhol, documenta-se esporadicamente a forma *-quiera*, correspondente ao presente do subjuntivo, e a forma majoritária é *-quier,* que corresponde à apócope da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo (*quiere* > *quier*). Company e Pozas Loyo (2009) atestam que a apócope desde o século XIII é prova de que a gramaticalização dessa partícula começou em datas muito antigas, já que, com ela, o verbo perdeu por completo sua flexão verbal e pôde se integrar mais facilmente na estrutura nominal. Apenas a partir do século XV, a vogal final *–a* volta a se recuperar. Conforme Pérez Saldanya e Salvador (2009), a escolha da vogal *–a*, associada ao subjuntivo, em vez da vogal *–e*, associada ao indicativo, deve-se ao caráter inespecífico ou não referencial dos relativos compostos.

Diante dessa convivência, no espanhol moderno, entre construções de domínios pragmáticos distintos, este artigo se concentra em questões evolutivas das concessivo-condicionais universais prefaciadas por quienquier(a) que[2], com o objetivo de descrever aspectos de mudança sintático-semântica, na história do espanhol. Partimos dos pressupostos teóricos de Sweetser (1990), para quem a mudança nos significados pode ser explicada por meio de conexões metafóricas que seguem uma trajetória unidirecional, em que os usos epistêmicos e conversacionais, ligados à experiência mental, são mais tardios na história das línguas e tendem a derivar dos referenciais, ligados à experiência sociofísica. Norteada pela mudança de significado, a investigação contempla alterações morfossintáticas que possam estar correlacionadas às alterações semânticas. Os dados analisados foram extraídos do Corpus diacrónico del español (Corpus diacrônico do espanhol – doravante CORDE), organizado pela Real Academia Española[3].

Este artigo se organiza da seguinte maneira: na seção 1, apresentamos os pressupostos teóricos acerca de tendências em mudança linguística que são relevantes para a análise das concessivo-condicionais; na seção 2, elencamos os aspectos metodológicos que norteiam a pesquisa: a caracterização do *corpus*, o procedimento de seleção e extração dos dados e os parâmetros aplicados à análise; na seção 3, apresentamos a análise diacrônica. Fechamos o texto com as considerações finais.

Pressupostos teóricos

O trabalho de Sweetser (1990) fundamenta-se em uma teoria semântica de orientação cognitivista, aliada às tradições gerais de análise pragmática e da teoria dos atos de fala. O objetivo da autora é dar um tratamento unificado às mudanças de significado que tendem a mostrar regularidades na motivação: a percepção humana e o entendimento do mundo estariam na base do fluxo histórico contínuo da evolução.

A autora defende que a linguagem é moldada pela cognição, o que possibilita estabelecer conexões entre diferentes áreas da experiência humana. Segundo ela, subjacente à tendência geral de usar a linguagem do mundo externo (*sociofísico*) para falar do mundo interno (‘psicológico’, ‘emocional’), há um sistema metafórico estruturado, que permite uma ligação entre os domínios conceituais. Nesses termos, linguagem e cognição operam metaforicamente. Para a autora, o poder explanatório atribuído a esse sistema é tal que, do ponto de vista diacrônico, o sistema metafórico direciona o curso de mudanças de significado em que usos abstratos derivam do vocabulário do mundo físico e, do ponto de vista sincrônico, o sistema resulta na convivência entre formas polissêmicas com diferentes graus de abstração.

A correlação entre polissemia sincrônica e mudança semântica diacrônica é tal que as polissemias são pistas capazes de recapitular e de explicar a trajetória histórica de desenvolvimento de uma palavra ou construção. Para Sweetser (1990), a metáfora é a principal força de estruturação dos significados. Na mudança, há uma trajetória unidirecional de abstratização crescente, justificada pela unidirecionalidade inerente às conexões metafóricas. Nessa trajetória, alguns traços de significado do domínio fonte podem ser perdidos, enquanto outros podem ser preservados, e a eles são somados traços de significado do domínio alvo.

Desse modo, em um mesmo estado de língua, é plausível encontrar construções linguísticas que recebem diferentes interpretações conforme seus diferentes usos, como é o caso das concessivo-condicionais universais, e essa ambiguidade não é inerente à construção em si, mas ao domínio ou contexto pragmático em que está inserida.

Sweetser estabelece três domínios dentro dos quais uma palavra ou construção se desdobra em formas polissêmicas: os domínios do ‘conteúdo’ (sociofísico), ‘epistêmico’ (raciocínio lógico) e ‘conversacional’ (atos de fala). Conforme a autora, na história das línguas, os significados epistêmicos e conversacionais, de certa forma mais complexos e abstratos, tendem a derivar daqueles mais concretos, relacionados ao mundo sociofísico. Essas derivações ou projeções entre domínios pragmáticos seguem a tendência geral de recorrer a conceitos e vocabulários de um domínio mais acessível – mundo sociofísico – para se referir a domínios menos acessíveis – raciocínio, emoção e estruturas conversacionais (Sweetser, 1990), conforme ilustra a Figura 1, adaptada da autora.

Domínio do Conteúdo	>	Domínio Epistêmico	>	Domínio Conversacional
Sociofísico		*raciocínio lógico*		*atos de fala*

Figura 1. *Continuum* entre os domínios conceituais.
Fonte: Adaptado de Sweetser (1990, p. 31).

[2] Esse recorte se deve ao fato de serem as construções mais frequentes em todos os períodos do espanhol.
[3] *Corpus Diacrónico del Español* (CORDE). Disponível em https://corpus.rae.es/cordenet.html

Como se observa, o modelo de Sweetser (1990) propõe uma análise unificada dos fatos de ambiguidade pragmática, considerando que o processamento cognitivo da experiência com o mundo é a raiz dos fenômenos de significação. Em outras palavras, a partir de uma vivência concreta, é possível, graças a processos metafóricos, construir significados cada vez mais abstratos em uma sofisticada estrutura de inter-relação envolvendo palavras e construções. Assim, processos metafóricos apresentam potencial explicativo para os fenômenos de mudança semântico-pragmática, dado que revelam aspectos de regularidade das mudanças. Trata-se, nesses termos, de um sistema metafórico particular que direciona o curso das projeções entre domínios conceituais, os quais determinam diferentes formas polissêmicas que são interpretadas como etapas em uma trajetória progressiva, em direção a construções mais abstratas e mais gramaticais.

Decisões metodológicas

Dado o propósito de descrição de aspectos de mudança experimentados pelas construções concessivo-condicionais universais encabeçadas por *quienquier(a) que*, em perspectiva longitudinal, analisamos ocorrências dessas estruturas em diferentes fases do espanhol.

Os dados analisados foram extraídos do CORDE, *corpus* organizado pela Real Academia Espanhola[4]. Esse banco de dados constitui-se de 250 milhões de registros de textos escritos desde os textos mais antigos em espanhol, até os produzidos na década de setenta do século passado, e permite que a consulta seja filtrada pelos critérios: nome do autor, nome da obra, cronologia, meio de publicação, região geográfica e tema. Neste trabalho, os critérios de seleção dos dados para a composição do *corpus* da pesquisa foram cronologia, meio de publicação, região geográfica e tema.

Quanto à 'cronologia', assumimos a periodização proposta por Eberenz (1991), que estabelece: fase antiga (de 1200 a 1450), média (de 1450 a 1650) e moderna (de 1650 até os dias atuais). O meio de publicação escolhido foi *livro* por permitir recuperar um número maior de ocorrências de períodos mais antigos do espanhol, diferentemente de outros meios de publicação, como 'jornal' e 'revista', que permitiriam encontrar apenas ocorrências mais recentes. No que se refere à região geográfica, limitamos nossa busca ao espanhol peninsular. Quanto à modalidade temática, devido ao grande número de ocorrências disponível no banco de dados, optamos por analisar apenas aquelas dos textos de 'narrativa' e 'história e documentos', conforme a tipologia do próprio *corpus*. A seleção dessas duas modalidades temáticas se justifica sobretudo por serem as que, no total de cada período, ofereceram o maior número de ocorrências das construções investigadas, e pela constância mantida por essas modalidades temáticas, apresentando ocorrências em todos os séculos.

O levantamento na amostra totalizou 216 ocorrências de construções concessivo-condicionais encabeçadas por *quienquier(a) que*, sendo 25 ocorrências pertencentes à fase antiga, 103, à fase média e 88, à fase moderna. Para referência às ocorrências extraídas do *corpus*, utilizamos a seguinte convenção: sigla indicadora da fase do espanhol (FA para fase antiga, FM fase média e FMo fase moderna) seguida da sigla indicadora do tipo textual (Nr para narrativo e HD para histórico e documental). Ao final, indicamos o banco de dados utilizado (CORDE). As ocorrências levantadas foram descritas e analisadas à luz dos seguintes parâmetros: domínio pragmático de atuação, factualidade, expressão modo-temporal e ordenação, os quais descrevemos a seguir.

Domínio de atuação da concessivo-condicional

As orações concessivo-condicionais podem atuar nos diferentes domínios propostos por Sweetser (1990), conforme observam Haspelmath e König (1998). A oração concessivo-condicional no domínio do conteúdo se relaciona a situações reais ou hipotéticas. Em (4), uma das condições evocadas na prótase ('se conseguirmos quantidade X de apoio'; 'se conseguirmos quantidade Y de apoio'; 'se conseguirmos quantidade Z de apoio'; etc.) poderia constituir um obstáculo, mas não impede a realização do evento ou do estado de coisas descrito na apódose ('seguiremos com nosso projeto'):

(4) *No matter how much financial support we get*, we will go ahead with our project (Haspelmath & König, 1998, p. 563).
[*Não importa quanto apoio financeiro vamos conseguir*, seguiremos com nosso projeto.]

A concessivo-condicional epistêmica, por sua vez, expressa uma atitude mental do locutor, ou seja, se relaciona a conhecimentos que poderiam ser possíveis evidências para uma conclusão. Em (5), o locutor

[4] Disponível em http://corpus.rae.es/cordenet.html

demonstra que desconhece 'a motivação' de seu interlocutor, porém, mesmo assim, confere a essa informação um estatuto de irrelevância diante da opinião de que 'não foi inteiramente altruísta'.

(5) *Whatever his motive was,* it wasn't entirely altruistic (Haspelmath & König, 1998, p. 569).
['Qualquer que fosse seu motivo', não era inteiramente altruísta.]

Por fim, a concessivo-condicional de ato de fala expressa condições que são potencialmente relevantes para a enunciação da apódose, mas que são qualificadas como irrelevantes. Em (6), o locutor previne-se de uma possível objeção do ouvinte a respeito da asserção subsequente: 'não gosto do seu amigo'. Em outras palavras, a concessivo-condicional volta-se para a própria interlocução, para a relação entre falante-ouvinte:

(6) *However you may feel about this*, I don't particularly like your friend (Haspelmath & König, 1998, p. 570).
['Como quer que você se sinta a respeito disso', não gosto do seu amigo.]

Diante desses fatos, interessa-nos investigar se essa ambiguidade pragmática é também comum às construções concessivo-condicionais com *quienquier(a) que* do espanhol e, em caso positivo, se essa ambiguidade estaria indicando abstratização dos usos dessas estruturas no tempo. Seguindo Sweetser (1990), a hipótese é a de que os usos epistêmicos e conversacionais, ligados à experiência mental e conversacional, sejam mais tardios e derivados do uso referencial, ligado à experiência sociofísica.

A factualidade da estrutura concessivo-condicional

A 'factualidade' é um parâmetro independente que se aplica a todos os tipos de entidade, conforme Pérez Quintero (2002). Seguindo a autora, neste trabalho, consideramos *factuais* as orações que descrevem propriedades ou relações aplicáveis, estados de coisas reais, conteúdos proposicionais verdadeiros e atos de fala assertivos; e consideramos como 'não factuais' as orações que descrevem situações opostas às categorias anteriores.

Segundo König (1985a, 1985b, 1986), nas construções condicionais de forma 'se p', 'então q', a prótase *p* e a apódose *q* não são implicadas pela enunciação da construção, e, assim, ambas são 'não factuais'. Já nas construções concessivas de forma 'embora p, q', tanto a prótase como a apódose são implicadas pela enunciação da construção, e, assim, ambas são 'factuais'. Nas concessivo-condicionais, por sua vez, somente a apódose é implicada, de modo que a prótase é não factual e a apódose é factual. Por esse motivo, afirma-se na literatura que, em casos prototípicos, essas estruturas são 'semi-factuais', como se vê no exemplo do espanhol apresentado por Rodríguez Rosique (2008).

(7) *Quienquiera que llame*, el jefe no está para nadie (Rodríguez Rosique, 2008, p. 230).
['Quem quer que telefone', o chefe não está para ninguém.]

A prótase da concessivo-condicional universal em (7) esgota o conjunto de possibilidades ('se o seu funcionário ligar', 'se a sua secretária ligar', 'se um ministro ligar', etc.) sobre algum parâmetro e apenas a apódose é implicada. Nesse sentido, com relação à factualidade das estruturas introduzidas por *quienquier(a) que*, nossa hipótese inicial é a de que haja um aumento, em termos de frequência, de prótases factuais ao longo das diferentes fases do espanhol, mostrando, assim, um indício do fortalecimento da reinterpretação concessiva nessas estruturas.

A expressão modo-temporal das concessivo-condicionais

Segundo Flamenco García (1999), a factualidade é um dos critérios que têm reflexo na expressão modo-temporal de estruturas concessivo-condicionais. O modo verbal da prótase universal no espanhol é o *subjuntivo*, o modo da não assertividade, que deixa suspensa a avaliação quanto à verdade ou à falsidade da informação transmitida (Rodríguez Rosique, 2008). Além de fomentar os valores da modalidade epistêmica – a interpretação hipotética da construção, que surge pragmaticamente pela falta de assertividade[5] –, o subjuntivo contribui com o caráter indeterminado da estrutura (Pérez Saldanya, 1999) e é compatível com o significado do relativo indefinido. Esses fatores favorecem a noção de 'irrelevância' que emerge dessas construções (König, 1994; Parazuelos, 1993a, 1993b).

(8) *Dondequiera que se haya ido*, prometo que la encontraré (Rodríguez Rosique, 2008, p. 225).
['Onde quer que tenha ido', prometo que a encontrarei].

[5] Segundo a autora, os valores da modalidade epistêmica, nas concessivo-condicionais, só afetam a prótase. De fato, a falta de implicação entre as proposições permite que estes valores não se estendam à apódose. A autora chamou este efeito de 'irrealidade concessiva', que alude à maneira na qual os valores de modalidade interagem com as estruturas não implicativas.

Conforme Rodríguez Rosique (2008), o indicativo não seria possível nessas construções, devido ao fato de ser o modo verbal que se associa à factualidade e à assertividade.

Com base nessas informações, nosso objetivo é investigar se o uso do subjuntivo é exclusivo nas orações concessivo-condicionais iniciadas por *quienquier(a) que* na amostra diacrônica do espanhol peninsular. Tendo em vista que a factualidade é uma das motivações que condicionam a decisão por um ou outro modo verbal, a hipótese é a de que os tempos do indicativo, caso apareçam nos dados, são mais prováveis nas fases média e moderna do espanhol e devem estar associados à transmissão de informações factuais, possivelmente presentes em relações concessivo-condicionais conversacionais.

Ordenação da estrutura concessivo-condicional

Por meio do parâmetro 'ordenação', analisamos a posição da oração concessivo-condicional com relação à apódose. Consideramos três posições possíveis: 'anteposta', 'posposta' e 'intercalada', conforme apresentam, respectivamente, os dados de (9) a (10):

(9) *Quien quier que seáis* sois hombre, y ha de ofenderse al miraros. (FMo:Nr:CORDE).
['Quem quer que vocês sejam', vocês são homens, e ele deve ficar ofendido quando olha para você.]

(10) - ¿Otro mataste allá? Eres sanguinario, Aznar.
- Así me criaron en la montaña, señor, y así he de ser toda mi vida. Los almogávares somos ovejas con nuestros amigos y lobos con nuestros contrarios, *quienquiera que sean*. (FMo:Nr:CORDE)
[- Você matou outro aí? Você é sanguinário, Aznar.
- Foi assim que me criaram nas montanhas, senhor, e é assim que deve ser a vida toda. Nós almogávares somos ovelhas com nossos amigos e lobos com nossos adversários, *sejam eles quem forem*.]

(11) Pero quizá no esté completamente desprovisto de verdad lo que se ha aventurado a decir, y en este caso su muerte no estaría suficientemente justificada ante el Dueño del Universo. ¡Por otra parte, ¡oh mi señor! la vida de un hombre, *quienquiera que sea*, es más preciosa que la piedra más preciosa, y pesa más en la balanza del Pesador! (FMo:Nr:CORDE)
[Mas talvez o que ele se atreveu a dizer não seja completamente desprovido de verdade, e neste caso sua morte não seria suficientemente justificada perante o Dono do Universo. Por outro lado, oh meu senhor! a vida de um homem, 'seja quem for', é mais preciosa do que a pedra mais preciosa e pesa mais na balança do Pesador!]

Em (9), a oração concessivo-condicional está anteposta à apódose *sois hombre*; em (10), está posposta à apódose *los almogávares somos ovejas con nuestros amigos y lobos con nuestros contrários*; e, em (11), está intercalada à apódose *la vida de un hombre es más preciosa que la piedra más preciosa.*

A importância de identificar a posição das orações prefaciadas por *quienquier(a) que* se relaciona à natureza argumentativa da construção, já que a ordenação pode fornecer indícios sobre as intenções comunicativas do locutor. Com base na literatura sobre condicionais (Ford & Thompson, 1986; Montolio Duran, 1999) (entre outros), partimos da hipótese de que as orações antepostas normalmente funcionam como tópico para a informação seguinte e/ou se referem a uma porção de informação partilhada[6]. Já as orações pospostas ou intercaladas representam o modo de ordenação que evidencia uma informação nova, comunicativamente mais relevante, e que, a depender do contexto, pode estar associado a funções discursivas como ressalva, adendo, justificativa, correção de uma informação anterior, etc.

As concessivo-condicionais universais com quienquier(a) que em perspectiva diacrônica

Como mencionado na Seção 2, nossos dados sugerem um aumento considerável das construções com *quienquier(a) que* no espanhol médio e moderno (respectivamente, 103 e 88 ocorrências) quando comparado ao espanhol antigo (25 ocorrências). Esse aumento na frequência pode ser um indício de mudança, de expansão para mais contextos, como postulado nos estudos em gramaticalização (Heine, 2002; Bybee, 2003).

Na sequência, descrevemos os dados de *quienquier(a) que* nas diferentes fases do espanhol, à luz dos parâmetros estabelecidos, comparando os resultados em perspectiva diacrônica, a fim de buscar evidências de aspectos de mudança sintático-semântica. Iniciamos com a exposição do mapeamento dos 'domínios pragmáticos', cujas frequências absoluta e percentual, em perspectiva longitudinal, estão na Tabela 1.

[6] Ford e Thompson (1986) definem a função de tópico das orações condicionais do ponto de vista do conhecimento partilhado entre o emissor e seu interlocutor e não tratam do estatuto informacional da condicional, mas sim da posição em que as condicionais aparecem nos textos escritos do inglês e de sua relação com os discursos antecedente e subsequente. Dessa forma, assumem que as orações condicionais antepostas funcionam como tópicos das construções em que são atualizadas, enquanto as condicionais pospostas, por não apresentarem uma conexão clara com os discursos antecedente e subsequente, não o são.

Tabela 1. Domínios pragmáticos de atuação das construções com *quienquier(a)* que, em perspectiva longitudinal.

	Antigo	Médio	Moderno
Conteúdo	3 (12%)	8 (8%)	7 (8%)
Epistêmico	1 (4%)	8 (8%)	12 (14%)
Conversacional	21 (84%)	87 (84%)	69 (78%)
Total	25 (100%)	103 (100%)	88 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

Nas três fases do espanhol, verificamos a realização das estruturas concessivo-condicionais com *quienquier(a) que* atuando em diferentes domínios, mas as frequências indicam a prevalência das conversacionais desde a fase antiga (84% dos dados). Com isso, atestamos que essas estruturas se especializaram cedo na expressão de significados mais abstratos, o que quebrou expectativas.

Consideramos que a alta frequência de ocorrências no domínio conversacional pode ser explicada, pelo menos em parte, em função da tipologia textual da amostra de dados, que consiste em sua maioria em textos dramáticos, os quais se caracterizam por um dialogismo, com a interação entre dois ou mais participantes. A ocorrência (12) ilustra um caso de concessivo-condicional que classificamos como 'ato de fala' no *corpus* da fase antiga:

(12) Y tú, Elena, hija de Leda, que agora estás acompañada de tus dos hermanos Castor y Polus, lo que yo sospecho que podrá empeçer a los griegos, no es otra cosa sy no el fuerte Etor, al qual aunque ignoro de vista, conosco por las palabras de Paris que dixo que movía sangrientas batallas con su dura mano. *Quien quiera que seas,* Etor, como te soy kara, rruego que tengas señalado el su nombre en el tu coraçón, e guardándote d'él, esquiva todos los otros, y piensa muchos Etores ser en esa batalla, y di cada vegada que te aparejaras a lidiar (FA:Nr:CORDE).
[E você, Elena, filha de Leda, que agora está acompanhada de seus dois irmãos Castor e Polo, o que eu suspeito que pode ser um obstáculo para os gregos, nada mais é do que o forte Etor, que embora eu não conheça de vista, conheço pelas palavras de Paris que ele disse que moveu batalhas sangrentas com sua mão pesada. 'Seja você quem for', Etor, já que sou cara para você, imploro que tenha o nome dele marcado em seu coração e, protegendo-se dele, evite todos os outros e pense que muitos Etores estarão nessa batalha, e diga a cada tempo que você vai se preparar para lidar.]

Interpretamos que, em (12), o locutor assume seu desconhecimento a respeito da identidade de seu interlocutor e pressupõe que isso poderia ser um obstáculo frente ao que ainda deseja enunciar. Nesse contexto, a concessivo-condicional *quien quiera que seas* parece ser introduzida justamente para evitar uma possível objeção do outro e prevenir uma possível tomada de turno. É como se o locutor dissesse 'não importa para mim quem você seja, quero te fazer esse pedido'. Perder a palavra devido a uma objeção previsível seria considerado um risco maior do que uma franca admissão de ignorância.

No conjunto dos dados, um traço relevante das construções atuando no domínio dos atos de fala é a presença, na apódose, de verbos performativos na primeira pessoa do singular, como 'suplicar', 'rogar', 'aconselhar', ou então a elocução imperativa, que deixa explícito o desejo do locutor de que seu interlocutor realize algo em seu favor.

A respeito das concessivo-condicionais que atuam nos domínios de conteúdo e epistêmico, apresentamos as seguintes ocorrências (13) e (14) respectivamente:

(13) Amor me tiene por su desenfado,
por descargar en mí toda su saña;
y assí, *quienquiera sea quien l' ensaña*,
que yo he de ser contino el castigado (FM:Nr:CORDE).
[O amor me tem pela sua facilidade,
por descarregar em mim toda a sua raiva;
e assim, 'quem quer que seja que o enfureça',
que eu serei continuamente o punido].

(14) Este mismo effeto es el que haze los antojos; de los quales no me acuerdo aver hallado rastro acerca de los antiguos. Pero cierto fue gran invención*, quienquiera que sea el que la halló*; no, con todo, para lo que he oýdo dezir: que usava dellos un cavallero honrrado destos reynos, que comía con antojos para que las cerezas o guindas le paresciessen mayores; que era una demasiada golosina (FM:HD:CORDE).

[Este mesmo efeito é o que fazem os óculos; dos quais não me lembro de ter encontrado vestígios dos antigos. Mas é verdade que foi uma grande invenção, 'quem quer seja que o inventou'; Não, porém, pelo que ouvi dizer: que um honrado cavaleiro destes reinos os usasse, que comia com avidez para que as cerejas lhe parecessem maiores; era muito doce.]

Em (13), a concessivo-condicional de conteúdo tem a seguinte leitura: 'não importa quem o enfureça' (qualquer pessoa que seja), 'eu serei o único punido por tal ação'. Nesse caso, mobiliza-se uma escala para então desprezá-la. A concessivo-condicional epistêmica, por sua vez, expressa uma atitude mental do locutor, ou seja, se relaciona a conhecimentos que poderiam ser possíveis evidências para uma conclusão. Em (14), o locutor demonstra que desconhece 'o autor da invenção', porém, mesmo assim, confere a essa informação um estatuto de irrelevância diante da opinião de que 'de verdade, foi uma grande invenção'.

Como se observa na Tabela 1, não conseguimos 'flagrar' a reanálise dessas estruturas como epistêmicas e conversacionais, pois não há uma fase do espanhol em que se identificam somente dados do domínio sociofísico, o que comprovaria o surgimento tardio dos usos epistêmico e conversacional. Como já na fase antiga identificamos todos os três usos, podemos afirmar que os usos mais abstratos emergiram muito antigamente. Quanto ao parâmetro 'factualidade', os resultados são mostrados na Tabela 2.

Tabela 2. A factualidade das construções com quienquier(a) que, em perspectiva longitudinal.

	Antigo	Médio	Moderno
Factual	14 (56%)	86 (83%)	75 (85%)
Não factual	11 (44%)	17 (17%)	13 (15%)
Total	25 (100%)	103 (100%)	88 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

A literatura mostra que a prótase das concessivo-condicionais, em geral, é não factual, ou seja, nela o locutor não afirma a verdade da proposição. Os dados de *quienquier(a) que* revelam, no entanto, prevalência de casos factuais, em todas as épocas. Conforme a Tabela 2, observa-se que, na fase antiga, há um equilíbrio nas frequências de estruturas não factuais e factuais, conforme (15) e (16) exemplificam, mas é nas fases média e moderna que a tendência em favor das factuais se efetiva (respectivamente, 83% e 85% dos dados).

(15) E qualquier que esta mi donacion quisiesse quebrantar o demandar o desfaçerla, en qual quier natura que la quisiesse desfaçer o minguar, ssea maldito e descomulgado, e con Iudas traydor en infierno ssufra pennas por siempre, e la demanda, *quien quier que la ffaçiesse,* quel no vala (FA:HD:CORDE).
[e quem quer que queira descumprir, questionar ou desfazer esta minha doação, de qualquer maneira que a queiram desfazer ou diminuir, seja maldito e excomungado, e sofra penas para sempre com Judas traidor no inferno, e a solicitação, 'quem quer que a faça', que não seja válida].

(16) - Muy seguro querría yo estar d'esso -dixo Primaleón- que si la mi bondad fuese tal como la vuestra, bien creería yo que sería amado d'ella. Y pues no me queréis dezir quién sois, no vos quiero más enojar que bien creo yo que vos queréis encobrir y que sois cavallero de alta guisa, pues yo no vos encubriría cosa, como ya avéis visto.
- D'esso e recebido yo gran merced -dixo don Duardos- y *quienquiera que yo sea* soy vuestro y por tal me tened (FM:Nr:CORDE).
[- Eu certamente gostaria de ser assim, disse Primaleón, que se minha bondade fosse como a sua, eu acreditaria que seria amado por ela. E já que você não quer me dizer quem você é, eu não quero aborrecê-lo mais do que eu acredito que você quer se esconder e que você é um cavalheiro de alta classe, bem, eu não cobriria nada para você, como você já viu.
- Disso recebi uma grande misericórdia -disse Dom Duardos- e 'quem quer que eu seja' sou teu e para tal me tens].

Esse resultado corrobora a hipótese inicial de ganho crescente de factualidade nas concessivo-condicionais universais com *quienquier(a) que*, nos vários estados de língua. A alta frequência dessas estruturas em usos factuais pode ser considerada um fator motivador da reinterpretação concessiva.

Quanto ao critério morfossintático 'expressão modo-temporal' das concessivo-condicionais encabeçadas por *quienquier(a) que*, as frequências são apresentadas na Tabela 3.

Tabela 3. A expressão modo-temporal da prótase concessivo-condicional, em perspectiva longitudinal.

		Antigo	Médio	Moderno
Quienquier(a) que com tempos do indicativo	Presente	2 (8%)	10 (10%)	1 (1%)
	Pretérito	-	4 (4%)	1 (1%)
Quienquier(a) que com tempos do subjuntivo	Presente	19 (76%)	72 (69%)	67 (76%)
	Pretérito	1 (4%)	10 (10%)	16 (18%)
	Futuro	3 (12%)	7 (7%)	3 (4%)
Total		25 (100%)	103 (100%)	88 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

Em todas as fases analisadas, observamos a ocorrência tanto dos tempos do subjuntivo como do indicativo, um resultado que contraria, em parte, o previsto por Rodríguez Rosique (2008) e pelas gramáticas de referência do espanhol (Bosque & Demonte, 1999; Real Academia Española, 2009), que preveem que *quienquier(a) que* seleciona apenas subjuntivo no espanhol moderno:

(17) O tu *quien quier que eres*. sal aca (FA:HD:CORDE).
[Oh, você, 'seja quem você for', saia aqui.]

Isso se revela como reflexo dos contextos factuais de uso dessas estruturas, em que a relativa designa um indivíduo que existe (nesse caso, seu interlocutor), embora predominem os casos com o subjuntivo em todos os períodos investigados. A alta frequência desse modo verbal está relacionada ao fato de ser o modo verbal da não assertividade, o que quer dizer que pode ser utilizado não apenas em contextos não factuais (hipotéticos), em que a relativa alude a qualquer indivíduo do universo do discurso, como mostra a ocorrência (15), mas também em contextos factuais, como em (16), em que a relativa se refere ao próprio locutor, o que contribui para o sentido de irrelevância dessas construções.

Por fim, quanto ao critério morfossintático de 'ordenação das concessivo-condicionais', os resultados são apresentados na Tabela 4.

Tabela 4. A ordenação das concessivo-condicionais, em perspectiva longitudinal.

	Antigo	Médio	Moderno
Anteposta	14 (56%)	55 (53%)	44 (50%)
Intercalada	9 (36%)	31 (30%)	30 (34%)
Posposta	2 (8%)	17 (17%)	14 (16%)
Total	25 (100%)	103 (100%)	88 (100%)

Fonte. Elaboração própria.

Verificamos a prevalência da anteposição da estrutura concessivo-condicional em todas as fases do espanhol, o que correlacionamos com o fato de que tais unidades em geral revestem-se de um valor temático, assim como as condicionais, ou seja, tendem a veicular informação dada ou pressuposta, como em (18):

(18) GODOY De una señora viuda he oído decir eso, aunque otros dicen aconteció a D. Alonso Carrillo, arzobispo que fue de Toledo; mas *quien quiera que haya sido*, mostró bien la grandeza que en los corazones de los señores ha de haber, que en esto se han de aventajar ellos a los demás, que, si no, no son señores que ni los hemos de tener por tales, sino por tener hacienda, como muchos ruines y bajos tienen más que han menester ni su estado requiere (FM:HD:CORDE).
[GODOY Ouvi dizer isso de uma senhora viúva, embora outros digam que aconteceu com D. Alonso Carrillo, arcebispo que era de Toledo; Mas 'quem quer que tenha sido', mostrava claramente a grandeza que deve existir no coração dos senhores, que nisso eles têm que superar os outros, que, se não, não são senhores que não os devemos considerar como tal. Porque eles têm propriedades, pois muitas ruínas e baixas têm mais do que precisam, nem seu estado exige].

Em (18), o falante sabe de um fato ocorrido com um indivíduo, mas desconhece sua real identidade – não sabe ao certo se aconteceu com uma senhora viúva ou se foi com D. Alonso Carrillo. Ciente de seu desconhecimento, o locutor antecipa uma possível contra argumentação do interlocutor e, por meio da construção concessivo-condicional, declara-a irrelevante diante do que se afirma subsequentemente: *mostró bien la grandeza que en los corazones de los señores ha de haber*.

Apesar da prevalência da anteposição, verificamos, conforme a Tabela 4, um aumento na frequência dos casos de intercalação e posposição ao longo das fases média e moderna do espanhol. As ocorrências (19) e (20) são exemplares:

(19) Y assí lo pusieron por obra. Como Ypólito llegó a la puerta del huerto, pensó que estava cerrada; estuvo escuchando e oyó gemir con boz muy dolorida, y parecióle ser boz de muger, y dixo entre sí:
- Más querría oýr la boz de Tirante que no de aquesta doncella, *quienquiera que ella sea* (FM:Nr:CORDE).
[E então eles colocaram isso para funcionar. Quando Ypolito chegou ao portão do jardim, pensou que estava fechado; Ele estava ouvindo e ouviu um gemido com uma voz muito dolorosa, e parecia-lhe ser a voz de uma mulher, e disse entre si:
- Mais preferiria ouvir a voz de Tirante a desta donzela, 'seja ela quem for'.]

(20) En todo caso pudo el Rey ó el Congreso, *quienquiera que ejerciese la potestad secular*, despojar de sus facultades civiles á dichos tribunales; pero no debió entrometerse á legislar sobre la jurisdiccion eclesiástica del Santo Oficio sin la correspondiente avenencia con el Pontífice Romano, á quien se debió acudir, supuesto que de éste recibió su institucion (FMo:HD:CORDE).
[Em qualquer caso, o Rei ou o Congresso, 'quem quer que exercesse o poder secular', pôde privar os referidos tribunais de suas faculdades civis; mas não deve ter-se intrometido em legislar sobre a jurisdição eclesiástica do Santo Ofício sem o correspondente acordo com o Romano Pontífice, a quem teve de recorrer, assumindo que dele recebeu a sua instituição.]

Como era esperado, a posposição e a intercalação dessas estruturas relacionam-se à função de ressalva ou adendo sobre uma informação ou algum componente presente na oração nuclear que o locutor acredita que possa não ter ficado clara para seu ouvinte. Em (19), a concessivo-condicional traz um comentário sobre o sintagma 'desta donzela', e, em (20), o sintagma *el Rey ó el Congreso*. Desse modo, a concessivo-condicional aloca-se logo após o elemento que o locutor deseja fazer uma ressalva.

Considerações finais

Neste trabalho analisamos as construções concessivo-condicionais universais prefaciadas por *quienquier(a) que,* em perspectiva diacrônica, evidenciando aspectos de evolução ao longo da história do espanhol. O *corpus* adotado foi composto por amostras de textos escritos produzidos nas fases antiga, média e moderna do espanhol extraídos do banco de dados CORDE. Para a análise, adotamos um conjunto de parâmetros que permitiram avaliar não só aspectos de mudança semântica, como também as alterações morfossintáticas dessas construções: (i) o domínio de atuação; (ii) a factualidade; (iii) a expressão modo-temporal; e (iv) a ordenação da estrutura concessivo-condicional.

A análise do domínio pragmático de atuação sinalizou a prevalência de estruturas conversacionais desde a fase antiga, o que sugere que as construções se especializaram cedo na expressão de significados mais abstratos. A investigação da factualidade mostrou que, desde a fase antiga, as estruturas eram usadas em contextos factuais, o que somado a outros fatores, como a irrelevância condicional e a preferência pela anteposição, parece ter sido decisivo para a reinterpretação concessiva dessas construções.

Em termos morfossintáticos, as alterações sofridas nos contextos de uso de *quienquier(a) que* são refletidas na expressão modo-temporal. Embora predomine o uso do subjuntivo em todas as fases analisadas, o que se deve ao fato de esse modo verbal poder ser utilizado tanto em contextos factuais como não factuais, verificamos um aumento nos tempos do indicativo que acompanham *quienquier(a) que*, em especial na fase média. O aumento na variedade dos tempos do indicativo, na passagem da fase antiga para a fase média, parece estar correlacionado às alterações dos padrões da factualidade, visto que, na fase média, aumentam consideravelmente os casos factuais.

Desse modo, entendemos que a principal contribuição deste trabalho é oferecer, a partir dos resultados obtidos na análise de *quienquier(a) que*, uma trajetória de mudança que pode ser generalizada para a história de outras construções concessivas e concessivo-condicionais, servindo, desse modo, como base para a investigação da gramaticalização dessas estruturas não só do espanhol, como também de outras línguas.

Referências

Bybee, J. L. (2003). Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In B. D. Joseph, & R. D. Janda (Ed.), *The handbook of historical linguistics* (pp. 602-623). Blackwell.

Bosque, I. & Demonte, V. (Eds.), (1999). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Espasa-Calpe.

Company Company, C., & Pozas Loyo, J. (2009). Los indefinidos compuestos y los pronombres genérico-impersonales omne y uno. In C. Company Company (Ed.), *Sintaxis histórica de la lengua española* (pp. 1075-1219). Fondo de Cultura Económica/Universidad Nacional Autónoma de México.

Eberenz, R. (1991). Castellano antiguo y español moderno: reflexiones sobre la periodización en la historia de la lengua. *Revista de Filología Española, 71*(1-2), 79-106. https://doi.org/10.3989/rfe.1991.v71.i1/2.652

Ford, C. E., & Thompson, S. A. (1986). Conditionals in discourse: A text-based study from English. In E. C. Traugott, A. Meulen, J. S. Reilly, & C. A. Ferguson (Ed.), *On Conditionals* (pp. 353-372). Cambridge University Press.

Flamenco García, L. (1999). Las construcciones concesivas y adversativas. In I. Bosque, & V. Demonte (Ed.), *Gramática descriptiva de la lengua española* (Vol. 3, pp. 3805-3878). Espasa-Calpe.

Haspelmath, M., & König, E. (1998). Concessive conditionals in the languages of Europe. In J. van der Auwera (Ed.). *Adverbial construction in the languages of Europe* (pp. 563-640). Mouton de Gruyter.

Heine, B. (2002). On the role of context in grammaticalization. In I. Wischer, & G. Diewald (Ed.), *New reflections on grammaticalization* (pp. 83-101). John Benjamins.

König, E. (1985a). On the history of concessive connectives in English, diachronic and synchronic evidence. *Lingua, 66*(1), 1-19. https://doi.org/10.1016/S0024-3841(85)90240-2

König, E. (1985b). Where do concessives come from? On the development of concessive connectives. In J. Fisiak (Ed.), *Historical semantics. Historical word-formation* (pp. 263-282). Mouton.

König, E. (1986). Conditionals, concessive conditionals and concessives: areas of contrast, overlap and neutralization. In E. C. Traugott, A. T. Meulen, J. S. Reilly, & C. A. Ferguson (Ed.), *On conditionals* (pp. 229-246). Cambridge University Press.

König, E. (1994). Concessive clauses. In R. E. Asher (Ed.), *The encyclopedia of language and linguistics* (pp. 679-681). Pergamon.

König, E., & Auwera, J. van der (1988). Clause integration in German and Dutch conditionals, concessive conditionals, and concessives. In J. Haiman, & S. A. Thompson (Ed.), *Clause combining in grammar and discourse* (pp. 101-134). John Benjamins.

Montolio Duran, E. (1999). Las construcciones condicionales. In I. D. Barreto, &. I. Bosque (Ed.), *Gramática descriptiva de la lengua española* (pp. 3643-3737). Espasa-Calpe.

Parazuelos, M. H. C. (1993a). *La expresión de la concesividad en español* [Tese de Doutorado, Universidad Complutense de Madrid].

Parazuelos, M. H. C. (1993b). "Inhibición" o "indiferencia": Rasgo común a expresiones de sentido concesivo. *Revista de Filología Románica, 10*, 107-151. https://dx.doi.org/10.5209/RFRM

Pérez Quintero, M. J. (2002). *Adverbial subordination in English: a functionalist approach.* Rodopi.

Pérez Saldanya, M. (1999). El modo en las subordinadas relativas y adverbiales. In I. Bosque, & V. Demonte (Eds.), *Gramática descriptiva de la lengua española* (pp. 3253-3322). Espasa-Calpe.

Pérez Saldanya, M., & Salvador, V. (2009). Oraciones concesivas. In C. Company Company (Ed.), *Sintaxis histórica de la lengua española.* (pp. 3697-3840). Fondo de Cultura Económica/Universidad Nacional Autónoma de México.

Real Academia Española. (2009). *Nueva Gramática de la Real Academia Española*. Espasa-Calpe.

Rodríguez Rosique, S. (2008). *Pragmática y gramática. Condicionales concesivas en Español*. Peter Lang.

Sweetser, E. (1990). *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure.* Cambridge University Press.